

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O PRESIDENTE QUE CONHECEU O “OUTRO MUNDO”: JÂNIO QUADROS E A PROPOSTA DE UMA POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE NAS PÁGINAS DE *O CRUZEIRO* (1959-1961)

SANTOS, Mateus José da Silva¹

Resumo:

Este texto discute os sentidos atribuídos sobre a viagem internacional de Jânio Quadros em 1959 por meio das edições de *O Cruzeiro*. Entre reportagens, notas e entrevistas, a revista pertencente aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand destacou diversos aspectos sobre a passagem de Jânio pelos continentes africano, asiático e europeu. Entre os temas tratados, sua ida ao Egito e seus contatos com Gamal Abdel Nasser foram objeto de inquietação dentro de um contexto de debates e incertezas quanto ao futuro da inserção internacional brasileira. A partir da valorização da aproximação entre Jânio e Nasser e da reivindicação da experiência histórica egípcia após a ascensão dos Oficiais Livres (1952), busca-se compreender como tais aspectos alimentaram expectativas, incertezas e conflitos no contexto de construção da candidatura presidencial do ex-governador de São Paulo. Argumenta-se que, além de referencial político e histórico para diversas agendas de interesse do futuro Presidente da República, o Egito e Nasser se tornavam atraentes aos olhos de Jânio, alimentando parte de seus acenos em prol de uma revisão nos rumos da PEB.

Palavras-chave: Jânio Quadros; Gamal Abdel Nasser; *O Cruzeiro*; Política Externa Independente; Política Externa Brasileira.

1. Introdução

Em artigo publicado na décima nona edição da *Revista Brasileira de Política Internacional* em 1962, José Honório Rodrigues atribuiu um protagonismo ao ex-presidente Jânio Quadros na produção de iniciativas que transformariam a Política Externa Brasileira (PEB). Enfatizando o processo de mudança na orientação da diplomacia brasileira para o continente africano, o intelectual estabelecia um contraste entre a trajetória da PEB antes de 1961 e suas novas características a partir da ascensão do ex-governador de São Paulo. Do ponto de vista da condução das relações exteriores,

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail para contato: mateus_santos29@hotmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Rodrigues classificou o papel de Jânio como um “segundo ministro” (RODRIGUES, 1962, p.504), tendo colaborado a partir de um movimento de reformulação das diretrizes da Política Externa que, mesmo diante de um mandato abreviado por uma renúncia considerada inesperada, contribuiriam para mudanças conceituais e práticas.

Nas raízes do sentido de transformação expressos pelo governo Jânio Quadros estariam aspectos que não se limitavam temporalmente à sua experiência enquanto Presidente da República. Para José Honório Rodrigues (1962), Jânio foi o primeiro presidente brasileiro a conhecer “o outro mundo” antes mesmo de assumir o cargo (RODRIGUES, 1962, p.503). Ao contrário de seus antecessores, não teria se limitado apenas às visitas aos EUA e a Europa, “onde se ouvia sempre a mesma lengalenga sobre o nosso destino à margem do precipício” (RODRIGUES, 1962, p.503).

Os roteiros perseguidos por Jânio Quadros nos anos que antecederam sua vitória em 1960 foram objeto de destaque por parte de outros entusiastas da Política Externa Independente. Antes do próprio Honório Rodrigues, o diplomata Adolpho Justo Bezerra de Menezes apontava para uma aparente contradição. Em sua visão, aquele que era considerado “o próprio candidato desses jornais de tradição ocidentalista” (BEZERRA DE MENEZES, 1961, p.73), seria responsável por revelar uma sensibilidade para os temas internacionais a partir de sua experiência de conhecimento de países africanos e asiáticos ainda em 1959.²

No campo dos adversários da PEI, sujeitos como o diplomata e economista Roberto de Oliveira Campos também reiterava o papel de Jânio nas mudanças em curso na Política Externa. No que classificou posteriormente como uma “estratégia de pirraça” (CAMPOS, 1994, p.403), Campos compreendia a PEI como um instrumento tático de cooptação dos setores nacionalistas frente ao traçado conservador do governo em

² A primeira referência de Bezerra de Menezes ao roteiro de Jânio Quadros pela Ásia e pela África foi encontrada na segunda edição de *O Brasil e o Mundo Ásio-Africano*, publicada em 1960. Nesta ocasião, o diplomata louvaria tanto iniciativas do governo JK como a Operação Pan-Americana (OPA) e os movimentos de aproximação com países asiáticos, quanto elogiaria o próprio Jânio Quadros pelo seu olhar sobre os temas de Política Externa (BEZERRA DE MENEZES, 1960).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

termos de política interna.³ Numa visão que foi incorporada pela historiografia especializada, as marcas de uma suposta heterodoxia nas relações exteriores podiam ser vistas mesmo antes da posse do novo presidente. Para o diplomata, as viagens de Jânio Quadros ao Egito e a Cuba, classificadas como “exóticas” (CAMPOS, 1994, p.433), seriam uma espécie de marco inicial da linha de conduta adotada pelo ex-prefeito de São Paulo ao assumir o executivo federal.

Partindo de tais marcas de certo protagonismo de Jânio na construção de uma Política Externa Independente a partir de diferentes atores situados em campos opostos da luta política em torno dos rumos possíveis da inserção internacional brasileira, este texto discute os sentidos atribuídos à viagem internacional de Jânio Quadros e as expectativas quanto ao futuro da PEB a partir de textos encontrados em *O Cruzeiro*.

Entre reportagens, notas e entrevistas, a passagem de Jânio Quadros pelo Egito, seus contatos com Gamal Abdel Nasser e as repercussões dessa experiência foram peças intrigantes nas páginas da revista, fornecendo pistas para a construção de uma identidade política compartilhada entre o então candidato brasileiro e o presidente egípcio. A partir da valorização das aproximações entre Jânio e Nasser e da reivindicação da experiência histórica do país africano após a derrubada da monarquia em 1952, busca-se compreender como tais aspectos alimentaram expectativas, conflitos e incertezas sobre os rumos da PEB no processo de construção política da candidatura de Jânio Quadros. Argumenta-se que, além de referencial político e histórico para diversas agendas de interesse do futuro presidente da República, o Egito e Nasser se tornavam peças de um tipo de inserção internacional atraente aos olhos de Jânio,

³ A afirmação de que a PEI durante o governo Quadros servia de uma estratégia política de cooptação dos grupos de esquerda, sendo contrabalaneada pelo apoio de setores conservadores e liberais na eleição do presidente merece certa cautela. Esse tipo de perspectiva não pode deixar de lado as divergências entre a proposta de uma Política Externa universalista num contexto de Guerra Fria. Na historiografia sobre o tema, Vera Cinthia Álvares (1989) reconhece os insucessos de Jânio Quadros diante dos mais diferentes segmentos da política e da sociedade brasileira com a PEI durante seu mandato. Segundo esta autora, o presidente teria desagradado a imprensa, os setores ligados ao capital associado e aqueles ligados a defesa da política colonial portuguesa. Além disso, não teria êxito também ao estar em sintonia com o anti-imperialismo dos grupos de esquerda.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

considerando seus acenos em prol de uma alteração nos rumos das relações exteriores do país.

2. A PEI em retrospectiva: características de um cenário de transição na Política Externa

Enquanto um conjunto de princípios e ações dentro de um esforço de mundialização e multilateralização da PEB, a PEI se constituiu em um objeto de interesse de diversos historiadores e demais pesquisadores interessados na trajetória das relações exteriores do Brasil. Conforme Luiz Fernando Ligiéro (2011), não há um consenso sobre o nível de transformação proporcionado pela experiência da PEI, ainda que se considere habitual reconhecer um quadro de alteração na política externa a partir do Pós-Guerra. Dentro dessa perspectiva, uma breve passagem por alguns dos principais expoentes da historiografia sobre Política Externa evidencia a existência de distintos lugares ocupados pelo recorte temporal dos governos Jânio Quadros e João Goulart nas leituras históricas mais gerais sobre a PEB.

Alguns autores concebem a PEI como um momento de ruptura na trajetória da PEB. Para Henrique Altemani (2005), a Política Externa iniciada pelo governo Jânio Quadros teria se caracterizado pela tentativa de ultrapassagem de uma inserção prioritariamente hemisférica, tendo contribuído para o lançamento das bases de um processo de alteração estrutural na PEB. Rubens Ricupero converge com a perspectiva de uma ruptura ao reconhecer a formação de “um novo paradigma de política exterior” a partir da experiência da PEI (RICUPERO, 2017, p.473), fornecendo eixos de ação e princípios que ultrapassariam temporalmente seu curto período de existência.

Outros pesquisadores identificam na PEI a continuidade de um processo de transformação na PEB iniciado em momentos anteriores. Conforme Clodoaldo Bueno (2011), a Operação Pan-Americana de Juscelino Kubitschek seria responsável por lançar as bases da PEI de Jânio e Jango ao retomar a relação entre Política Externa e Desenvolvimento. Nomes como Braz José de Araújo (1996), Paulo Fagundes Vizentini (2004) e Luiz Alberto Moniz Bandeira (2011) enxergam na PEI uma espécie de consolidação de aspectos que caracterizaram a atuação externa brasileira durante boa

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

parte dos anos 1950. Nesse sentido, tentativas de mudança na PEB já estariam inscritas antes do início do governo Jânio Quadros, estabelecendo uma relação de continuidade ou mesmo aprofundamento em relação a este.

Apesar da existência de pontos de convergência entre algumas das distintas perspectivas apresentadas, acreditamos que a noção de aprofundamento melhor se aplica ao estudo da PEI a partir do recorte apresentado. Como se verá a seguir, os sentidos da viagem internacional de Jânio Quadros na revista *O Cruzeiro* eram construídos num contexto de discussão sobre o lugar estratégico da Política Externa dentro de uma sociedade brasileira em transformação, num quadro de dissenso acerca dos rumos da inserção externa do país.

A ambiguidade foi uma marca da Política Externa do Segundo Governo Vargas (1951-1954). Se medidas como a recusa em participar militarmente da Guerra da Coreia e alguns ensaios universalistas sugeriam a possibilidade de construção de uma linha mais autônoma, outros atos como a assinatura do Acordo Militar (1952) se aproximavam de uma perspectiva de inserção externa pautada pela centralidade das relações hemisféricas sob a liderança estadunidense. No horizonte de conquista de maiores resultados junto à Washington, o exercício de uma nova política de barganha se mostrara ineficiente diante das novas condicionantes internas e externas que marcavam o mundo e o Brasil no Pós-Guerra.⁴

Após o suicídio de Vargas, seu sucessor Café Filho se notabilizou pela construção de um ministério majoritariamente composto por antigetulistas. Na Política Externa, sob a liderança do ex-chanceler Raul Fernandes, as linhas mais gerais de ação se caracterizaram pelo aprofundamento no alinhamento com EUA e Portugal, inaugurando o que pode ser considerado como uma fase de “hiato” na PEB (VIZENTINI, 2004). Essa perspectiva não sofreu grandes alterações durante os primeiros anos do governo de Juscelino Kubitschek. No seio de sua política de desenvolvimento nacional, as expectativas em torno da atração de capital estrangeiro privado e a de capitais públicos

⁴ A essência da Política de Barganha residiu no apoio estratégico aos EUA em troca de recursos econômicos para o projeto interno (VIZENTINI, 2004).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

no exterior junto aos EUA, Japão, países da Europa Ocidental, além de organismos multilaterais culminou com a tendência de não confrontação com as principais potências capitalistas (LIGIÉRO, 2011). Isso se evidenciou na cautela brasileira frente aos movimentos de descolonização no continente africano. Além do apoio ofertado aos interesses portugueses na Ásia e na África, o país teria optado por uma política de espera em relação à evolução dos litígios envolvendo os movimentos coloniais e suas respectivas metrópoles.

Contudo, conforme Paulo Fagundes Vizentini (2004), os dois últimos anos de mandato juscelinista foram marcados por mudanças na PEB. Dentro de um processo de tentativa de retomada da estratégia de barganha, iniciativas como a Operação Pan-Americana (OPA) evidenciavam perspectivas de mudança na inserção internacional brasileira. Tal processo também foi acompanhado por outros esforços de mundialização e multilateralização, estimulado pelas dificuldades financeiras vividas pelo país:

Não havia, portanto, recursos suficientes para atender às crescentes demandas econômicas e sociais da classe trabalhadora, que, robustecida quantitativa e qualitativamente pela própria industrialização, adquirira maior peso político, e, ao mesmo tempo, manter a taxa de investimentos necessários à continuidade da expansão capitalista do Brasil. A busca de novos mercados no exterior não apenas para o café e outros produtos primários, mas também para o excedente de manufaturas, conformou-se, então, como alternativa, o que implicava a reorientação da diplomacia para a África e a América Latina, com a perspectiva de ter de concorrer com a Europa, o Japão, e, sobretudo, os Estados Unidos (BANDEIRA, 2011, p.79-80).

Nesse contexto de reorientação da ação externa brasileira, movido tanto por transformações em nível sistêmico quanto pelas novas demandas de natureza doméstica, Jânio Quadros se tornaria um personagem intrigante, realizando diversos acenos a países como o Egito de Nasser, protagonista entre os Estados árabes, ator relevante no processo de reorganização do continente africano a partir do avanço da descolonização e futuro arquiteto do chamado Movimento dos Não-Alinhados.

3. O traçado de uma admiração e as bases de uma PEI de Jânio a partir das páginas de *O Cruzeiro*

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Criada em 1928, a Revista *O Cruzeiro* se tornou um verdadeiro fenômeno de tiragem e inovação na História da Imprensa Brasileira no século XX. Chegando a atingir “a liderança do mercado internacional” (LUCA, 2008, p.121), a revista alcançou números impressionantes em termos de alcance, tornando-se um destaque dentro do conglomerado dos *Diários Associados*.⁵ Apesar das suas origens antecederem aos anos 1920, a importância dessa revista no contexto da experiência democrática brasileira pode ser pensada a partir do conceito de “imprensa em transição”. Conforme Alzira Alves Abreu (2008), tal fase na história da imprensa brasileira correspondeu ao conjunto de transformações de natureza técnica, gráfica, editorial e organizacional a partir do Pós-Guerra, redefinindo as relações econômico-financeiras e políticas entre a imprensa e uma sociedade brasileira em transformação. Além da formação da chamada grande empresa jornalística e da influência da própria profissionalização da atividade jornalística, uma das características desse tipo de imprensa foi a busca de uma concepção objetiva de notícia, supostamente privilegiando a informação em detrimento da opinião. Contudo, seu papel político da imprensa não foi superado, assumindo a condição de atriz nos principais momentos da história da experiência democrática brasileira.

No caso de *O Cruzeiro*, essa característica não foi diferente. Para Helionardo Oliveira de Carvalho (2018), apesar do grau de autonomia existente em determinados setores da gestão da revista, os interesses de seu proprietário não deixaram de estarem presentes na produção de alguns textos. Chateaubriand teve uma curta vida pública, sendo senador pela Paraíba e posteriormente pelo Maranhão, filiado ao PSD. Chegou a ser nomeado embaixador do Brasil no Reino Unido por JK, mas divergiu do mesmo quanto ao rumo do Plano de Metas e a transferência da capital federal, estando próximo

⁵ Os Diários Associados de Assis Chateaubriand correspondiam a uma grande cadeia de meios de comunicação, composta por jornais, emissoras de televisão e rádio. Segundo Ana Maria de Abreu Laureza, em seu auge, Chatô teve quase 90 empresas vinculadas ao Diários. Sua presença na História da Imprensa no Brasil chama atenção para uma característica levantada por Nelson Werneck Sodré sobre o controle da imprensa no Brasil. Para este autor, “os jornais são aqui controlados pelos seus proprietários; como se contam pelos dedos os grandes jornais, contam-se pelos dedos esses proprietários: Assis Chateaubriand, Roberto Marinho, Júlio de Mesquita Filho, Paulo Bittencourt, Nascimento Brito e uns pouco mais” (SODRÉ, 2021, p.609).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

ao que pode ser considerada uma “ala liberal e conservadora da elite brasileira” (DALMÁZ, 2014, p. 28-29).

Do ponto de vista dos temas de Política Externa, os textos encontrados na revista aproximavam de uma perspectiva mais conservadora. Privilegiando o contexto da Guerra Fria a partir de uma compreensão rígida sobre a bipolaridade, nomes como o estadunidense Drew Pearson e o brasileiro Theóphilo de Andrade eram figuras presentes na produção de opinião acerca de tais agendas. Diante disso, a análise das abordagens sobre a viagem de Jânio Quadros se torna ainda mais interessante diante do lugar social e político do qual *O Cruzeiro* buscava falar com setores da sociedade brasileira.

No acompanhamento de parte da viagem de Jânio Quadros e nos desdobramentos possíveis desse evento dentro do contexto de construção de sua candidatura presidencial, o jornalista Carlos Castello Branco foi peça importante. Futuro secretário de imprensa do ex-governador paulista, Castello Branco esteve com Jânio Quadros durante alguns momentos de seu percurso pela Europa. Em determinadas edições de *O Cruzeiro*, foi possível encontrar textos de sua autoria, entre entrevistas e artigos, repercutindo a viagem internacional do presidenciável e questões controversas de interesse do debate político no fim dos anos 1950.

Em edição de 11 de julho de 1959, uma entrevista de Carlos Castello Branco com Jânio Quadros repercutia a visão do presidenciável sobre diversos pontos programáticos levantados pela UDN para apoio a sua candidatura. Realizada em Istambul, o texto repercutia intervenções diretas e outras atribuídas a Jânio sobre sua viagem internacional, temas sensíveis sobre a política interna e suas concepções acerca do passado, presente e futuro da PEB. As primeiras marcas sobre sua passagem no Egito foram inscritas em ao menos duas oportunidades. Ao incidir sobre a polêmica do monopólio estatal do petróleo, Jânio citara suas experiências na Índia e no país africano para fundamentar a sua posição:

Sempre fui a favor da livre empresa e continuo a sê-lo, mas, no que respeita ao petróleo, ela falhou entre nós. Teve a iniciativa privada nacional e estrangeira longos anos para explorar nosso petróleo e

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

suspeitamente não o fez. Não há de ser no instante em que o Estado o faz vitoriosamente que se entregue esse patrimônio técnico, financeiro e econômico, social e político. Enganam-se, pois, os que imaginam na nossa terra ou fora dela que eu seja a missa de sétimo dia da Petrobrás. Se chegar à Presidência, não só a mantenho, mas prestigio-a com tôdas as minhas forças, ainda que deva desviar recursos de outros setores para fazê-la mais operante e dinâmica. Venho da Ásia e de contatos pessoais com homens como Nehru e Nasser. Petróleo é soberania (BRANCO, 1959a, p.44).

Diante de uma agenda que alimentava divergências entre diferentes setores da política brasileira, Jânio Quadros costurava uma posição a favor da manutenção do monopólio estatal do petróleo reivindicando sua experiência internacional a partir da citação nominal a dois dos principais expoentes do mundo em desenvolvimento. A partir do indiano Nehru e do egípcio Nasser, o presidenciável brasileiro incidia sobre um tema sensível aos seus opositores e apoiadores, buscando se distanciar de possíveis acusações de ser um representante do chamado “entreguismo”. Apesar de ser apoiado por setores favoráveis a abertura ao capital estrangeiro mesmo em setores estratégicos como o petróleo, Jânio demarcava discursivamente uma diferença em relação a tais grupos, assumindo uma postura mais próxima daqueles que se autoproclamavam enquanto “nacionalistas”.

Os reflexos do contato entre Jânio e Nasser renderiam ainda uma abordagem específica na reportagem de Carlos Castello Branco. Num intertítulo denominado “Nasser, a maior figura que já conheceu”, o jornalista destacou algumas das impressões de Jânio sobre o seu contato com o *rais* egípcio. Na construção de um legado positivo, Branco dedicou algumas linhas para abordar o que lhe parecera como um marco na trajetória do ex-governador paulista:

A entrevista do Sr. Jânio Quadros acabou aí. Da conversa que mantemos a seguir, haverão de interessar algumas referências, registradas em versão livre. Acha êle que a viagem deveria ser uma imposição aos homens públicos, tal a ampliação de perspectivas que traz. Muito aprendeu no Japão, na Índia, no Paquistão, no Irã, na Síria, no Egito e, agora, na Turquia. **De todas as suas impressões de viagem, uma se distancia das demais e o põe em estado de exaltação: o conhecimento pessoal de Nasser, a figura mais impressionante que já conheceu em tôda a sua vida.** Jantou com êle no Cairo, sentado à sua esquerda, enquanto à direita estava “Che” Guevara e, nos demais lugares, ministros e altos representantes

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

oficiais. Nasser trata seus ministros com liberdade e carinho, pilheria com eles e recebe de bom humor seus comentários, numa camaradagem digna. ‘Não há confusão – explica – êle se eleva alguns centímetros acima dos outros’. Ouviu dêle exposição do caso de Suez, muito impressionante, e ficou certo de que Nasser é um homem capaz de unir todos os árabes, promovendo sua ascensão econômica e social. **O ex-governador endossa vários desmentidos, entre os quais: Nasser não é comunista e Nasser não é um opressor do seu povo. O povo na rua, o ama e obedece à sua liderança numa perfeita identificação. É um homem honesto e seu horror à corrupção foi um dos aspectos que mais sensibilizou o Sr. Jânio Quadros** (BRANCO, 1959a, p.45).⁶

Abordando alguns aspectos destacados por Jânio quanto ao seu encontro com Nasser e a representatividade de tal evento em sua vida política, Castelo Branco destacou diferentes aspectos que se confundiam com bandeiras historicamente levantadas pelo presidencialismo em sua vida política. Na relação com a administração pública, o Nasser visto por Jânio e descrito por Branco se destacaria pela moralidade administrativa e por um relacionamento considerado saudável com diferentes setores de seu governo, traduzido em uma verdadeira “camaradagem”. Sem abrir mão da sua autoridade, o egípcio se destacaria positivamente na construção de laços harmoniosos com outros atores ao seu redor.

Características de um Nasser que ultrapassava as fronteiras do próprio Egito foram ainda enaltecidas a partir do destaque atribuído ao episódio de Suez e o seu papel no Mundo Árabe. Num contexto de auge do nacionalismo em toda região, a passagem destacada ressaltava o protagonismo regional do egípcio e seu papel de condutor do desenvolvimento econômico e social. No otimismo quanto à presença de Nasser na política árabe, a construção de um referencial político para Jânio Quadros assumia grande importância.

Além dos destaques positivos, as visões de Jânio sobre Nasser a partir da leitura de Castelo Branco também se chamavam atenção pelo esforço de desmitificar algumas características controversas ou negativas sobre Nasser e seu governo. Incidindo sobre temas considerados sensíveis no contexto político brasileiro, a experiência de Jânio no Egito lhe credenciaria a combater noções consideradas equivocadas sobre o Coronel

⁶ Grifos nossos.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Egípcio, tais como sua relação com o comunismo, o caráter ditatorial de seu governo e acusações quanto à natureza da sua administração. Nessa perspectiva, ao oferecer diferentes elementos que nos permitem qualificar os sentidos da admiração de Jânio por Nasser, a construção de uma identidade política compartilhada entre o brasileiro e o egípcio assumia contornos muito complexos, dialogando não apenas com os acenos do futuro presidente para mudanças na Política Externa, mas também alimentando expectativas sobre sua atuação em temas sensíveis na sua própria trajetória política e outras agendas controversas no final dos anos 1950.

Outros textos em *O Cruzeiro* reforçariam tais aspectos, apontando para um sentido de continuidade da valorização da passagem de Jânio pelo Egito. Em edição de 25 de julho de 1959, uma nova reportagem de Carlos Castelo Branco atribuía à viagem internacional do candidato um peso relevante na construção de iniciativas de revisão da PEB. Em “Ásia e África mudaram Jânio”, Carlos Castelo Branco reunia tanto intervenções diretas do ex-governador de São Paulo quanto às novas impressões do jornalista sobre seu contato com o presidencialível.

Além de destacar aspectos que poderiam constituir parte de um programa de Jânio Quadros para a PEB, o jornalista também fez menções ao processo de construção da candidatura e a formação de seu arco de alianças. A preocupação de Jânio em se esquivar da pecha de “entreguista” foi mencionada da seguinte forma:

No que respeita à questão militar, que apenas esboça nas informações que êle vai recebendo, o Sr. Jânio Quadros se limita a fazer declarações de confiança na politização das nossas Fôrças Armadas e no seu legalismo. Os políticos que estiveram com êle, em Roma, entretanto, registraram tal ou qual nervosismo do candidato em relação às dificuldades que poderão cercar a própria realização do pleito. Esperava êle, aliás, com ansiedade, sinal do Rio à repercussão das suas primeiras declarações, nas quais acentuava sua posição nacionalista não só no campo petrolífero, como em vários outros, pois está êle convencido de que as dificuldades eventuais que surjam em referência ao pleito se relacionem com a campanha dos seus adversários procurando apresentá-lo como um político vinculado a grupos econômicos e comprometido com uma linha antinacionalista (BRANCO, 1959b, p.52).

Distante fisicamente das negociações envolvendo seus aliados, Jânio Quadros dava mostras de estar atento às dinâmicas da luta política brasileira naquela conjuntura.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Seus acenos às posições consideradas “nacionalistas” representavam esforços para a construção de recursos positivos para sua própria candidatura, contrabalançando algumas das concepções de seus aliados em temas considerados estratégicos.

No seio do que Castello Branco classificou como “a vanguarda mais avançada” da política nacionalista, os acenos de Jânio Quadros para uma revisão da PEB constituiria uma das diretrizes mais importantes. Além da diversificação das parcerias comerciais, a viagem internacional alimentava expectativas quanto à incorporação de outras experiências históricas para a construção de supostas soluções para diversos problemas brasileiros:

O Sr. Jânio Quadros prefere não formular, por enquanto, com precisão, as conclusões de sua viagem ao Oriente, mas quem conversa com êle pode identificá-las no conjunto de observações que vai fazendo sôbre tudo o que viu. Muito provavelmente, ao voltar ao Brasil, equacione sua campanha política nos têrmos das conclusões de sua viagem e teremos, então, pela primeira vez, um candidato à Presidência da República a postular uma alteração revolucionária relativamente à posição do Brasil no mundo. Trata-se, evidentemente, de acontecimento que marcará uma nova época na vida brasileira, com reflexos sôbre o conjunto da política continental. O Sr. Jânio Quadros tem posição definida contra o comunismo e a todo momento invoca a posição do Coronel Nasser, que se considera o maior baluarte anticomunista do Oriente, sem que por isso tenha deixado de revolucionar o mundo árabe e de quebrar o sistema de relações internacionais de todo o Oriente Médio. Se o Sr. Jânio Quadros, confirmando os indícios que colhemos nesses dias de contato com êle, marchar no rumo previsto, o Partido Comunista Brasileiro terá diante de si um problema novo, uma situação diferente, que poderá influenciar a atitude do conjunto de fôrças de esquerda do Brasil, relativamente à sucessão presidencial (BRANCO, 1959b, p.53).

Fornecendo mais pistas sobre os sentidos da admiração de Jânio Quadros por Nasser, Castello Branco reforçou como o *rais*, longe de ser considerado comunista, foi capaz de promover uma revolução que ultrapassou as fronteiras de seu próprio país. Nesse sentido, tomado enquanto referência de transformação política e social para o candidato presidencial, a mobilização da experiência da experiência egípcia e seus efeitos em nível nacional e regional ganhavam força ao ser relacionada com o próprio contexto da Política Externa do Brasil. Na relação entre texto e contexto, considerando a importância contemporânea da OPA, as ideias de Jânio sobre Nasser pareciam convergir

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

na defesa de um espírito de reorientação dos mecanismos de expressão de uma solidariedade regional.

Citando diretamente suas impressões sobre o “moderno Egito”, outras características observadas no país africano dialogariam diretamente com importantes questões presentes no interior da luta política e social do Brasil no final dos anos 1950:

‘No Oriente Próximo, a grande revelação é a do moderno Egito. Não há dúvida de que Kishi e Nehru são personalidades excepcionais, mas me parece que o político mais vigoroso dos que conheci é o presidente Nasser. Tranquilo, franco e objetivo, vem procurando com um grupo de colaboradores, todos jovens, construir uma nação sôbre o passado e o presente de ignorância e miséria que se chama Egito. A reforma agrária por êle promovida é, sem dúvida, uma das sólidas barreiras já erguidas contra o comunismo. De fato, milhões de felás recebem com títulos de domínio as suas glebas aráveis que plantam sob forma cooperativa com a orientação e o auxílio técnico do govêrno. Extensas obras de recuperação do solo e de irrigação estão sendo empreendidas. Indústrias fundamentais, como a do petróleo, a do cimento, a do aço, a dos fertilizantes apareceram em poucos anos. Ocupa Nasser com muita habilidade o que se denomina a terceira posição na política internacional. Não é pró e nem contra qualquer dos blocos e entende que dentro dessa posição, não só erige o país em fiador da paz, como apressa o seu desenvolvimento econômico, na côrte que lhe fazem ocidentais e russos. Tem pelo Brasil singular carinho e um dos sonhos que acalenta é ver a América do Sul e África nessa equidistância. O que não se discute é que logrou êxito, quer na política interna, quer na externa, e conseguiu encarar o legítimo nacionalismo dos povos árabes, que não é xenófobo nem tem coloração avermelhada. O que pretende, e só, é a colaboração e a cooperação com todos os povos indistintamente, ressalvadas a soberania e as conveniências internacionais’(BRANCO, 1959b, p.55).

Na construção de uma síntese de uma experiência aparentemente exitosa, as visões de Jânio Quadros sobre o Egito Nasserista revelam diversas características que denotam a singularidade de seu olhar para Nasser. Enquanto um marco político na trajetória dos egípcios e de todo o Mundo Árabe, o presidente egípcio era peça fundamental na ruptura temporal frente à trajetória de miséria e ignorância que supostamente marcaria o país, na visão de Jânio. A partir de uma projeção otimista sobre o futuro do Egito, a citação a medidas como a reforma agrária reforça o sentido de valorização da experiência daquele Estado e da admiração ao Coronel. Sob a ótica da segurança e da justiça social, o processo de distribuição de terra num contexto de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

miséria e agitação social é traçado enquanto receituário válido no combate ao comunismo, fazendo do Egito uma referência no dito Oriente. Numa formulação que muito se assemelha ao chamado Binômio Segurança – Desenvolvimento, Jânio Quadros dava mostras de ter na trajetória egípcia uma experiência possível de materialização de uma agenda relevante no contexto de acirramento das contradições e da luta social no campo brasileiro.

Além das menções ao processo de industrialização do Egito, uma questão que envolvia tanto ao desenvolvimento econômico quanto a própria Política Externa dizia respeito às considerações sobre a chamada “Terceira Posição”. Se tal tipo de inserção internacional se constituía em importante manifestação, ainda que implícita, sobre a capacidade de arbitragem no interior do conflito bipolar, o neutralismo também era peça integrante de um possível processo de desenvolvimento de países do Terceiro Mundo. Diante de um Egito que se modernizava rapidamente, Jânio via na Política Externa daquele país um dos fatores mais importantes nesse movimento, tendo em vista a possibilidade de maximizar seus ganhos frente ao diálogo com as duas superpotências.

4. Considerações Finais

Enquanto um “enigmático simpatizante de De Gaulle, Nasser e Tito” (VIZENTINI, 2004, p.134), a admiração de Jânio Quadros por lideranças da política internacional nos anos 1950 e 1960 foi reconhecida por diversos pesquisadores da PEI. Em relação ao presidente egípcio, os contatos desenvolvidos no contexto de sua viagem internacional em 1959 e as repercussões de suas visões sobre o país africano constituem ainda um campo pouco explorado, porém relevante para as investigações sobre os processos de formulação e implementação da Política Externa em seu governo e a própria heterogeneidade do debate sobre os temas relativos às relações exteriores num contexto de acirramento da luta política e social no país.

A partir dos textos encontrados em *O Cruzeiro*, observou-se como a figura de Nasser e a trajetória recente do Egito se constituíram em um referencial político válido no Terceiro Mundo para o futuro presidente brasileiro. Entre considerações sobre a política externa egípcia, o nível de autoridade de Nasser e sua capacidade de execução

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

de um projeto de transformação social e econômica, além dos esforços em desmitificar determinadas visões sobre aquele país, presente no contexto brasileiro, as intervenções diretas e indiretas de Jânio Quadros evidenciavam os sentidos possíveis de uma admiração à experiência do país africano e de seu *rais*, interagindo de diferentes maneiras com agendas de interesse de amplos setores da sociedade brasileira.

Mais do que a existência de um suposto retrato na parede do gabinete presidencial, as marcas de aproximação entre Jânio Quadros e Gamal Abdel Nasser renderiam tanto a criação de condições favoráveis para o estreitamento de laços entre os dois países em 1961, quanto à projeção de algumas das principais características de seu discurso político a partir do egípcio (SANTOS, 2022). No “outro mundo” do imaginário dos homens da PEI, Quadros faria de Nasser alguém de seu próprio mundo, uma figura capaz de gerar controvérsias entre seus próprios apoiadores e certa simpatia por parte de alguns de seus detratores.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 2008

ÁLVARES, Vera Cinthia. Reflexões sobre o surgimento da Política Externa Independente no Governo Jânio Quadros. **Cadernos do IPRI**, Brasília, n.2, p.58-64, 1989.

ARAÚJO, Braz José. A Política Externa no Governo Jânio Quadros. In: ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon Albuquerque. **Sessenta anos de Política Externa Brasileira (1930- 1990): Crescimento, modernização e política externa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1996.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil – Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950-1988)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

BRANCO, Carlos Castello. O Cruzeiro e uma carta (da UDN) percorreram 12.000 quilômetros para um encontro com Jânio. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 11 jul.1959, p.44-50.

_____. Ásia e África mudaram Jânio. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1959, p. 52-55.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

BEZERRA DE MENEZES, Adolpho Justo. **O Brasil e o Mundo Ásio-Africano**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1960.

_____. **Ásia, África e a política independente do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

BUENO, Clodoaldo. Alinhamento e desenvolvimento associado (1946-1961); A Política Externa Independente do Apogeu do Populismo (1961-1964). In: CERVO, Amado Luiz; _____. **História da Política Exterior do Brasil**. 4ª Ed. Brasília, UNB, 2011.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **A lanterna na popa: memórias**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

CARVALHO, Helionardo Oliveira de. **O discurso da revista O Cruzeiro e o Golpe de 1964**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

DALMÁZ, Mateus. **Democracia e concerto americano: a visão de O Cruzeiro sobre a Argentina nas Relações Internacionais (1946-1966)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LIGIERO, Luiz Fernando. A Política Externa Independente (1961-1964). In: _____. **A autonomia na política externa brasileira: a política externa independente e o pragmatismo responsável: momentos diferentes e políticas semelhantes?** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

RICUPERO, Rubens. O breve período da constituição de 1946: do governo Dutra ao golpe militar de 1964. In: _____. **A diplomacia na construção do Brasil, 1750-2016**. Rio de Janeiro: Versal, 2017

RODRIGUES, José Honório. O presente e o futuro das relações africano-brasileiras (II). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Rio de Janeiro, n.19, p.501-517, 1962.

SANTOS, Mateus José da Silva. **‘Das Potências Não-Alinhadas’**: o Egito e a Política Externa Independente de Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964): o nacionalismo e a política externa independente**. Petrópolis: Vozes, 2004.